

revista **PRIMAX**
eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO
ARTE E CULTURA

UBERABA/BRASIL
JUNHO 2021

Nº 5

EDITOR
GUIDO BILHARINHO
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX 4

SUMÁRIO

QUESTÕES

Liberdade Intelectual 3

LITERATURA

O Missionário: Conflito Entre Intelecto e Natureza 7

CINEMA

A Medeia de Pasolini 12

A Medeia de Lars von Trier 16

VOCABULÁRIO INCOMUM

Caçadas de Vida e de Morte 22

FICÇÃO

Encontro 30

POESIA

Cão 32

INDICAÇÕES

Histórias do Cinema 34

Filmes Europeus Bons 36

Blogs Culturais 37

BLOG

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

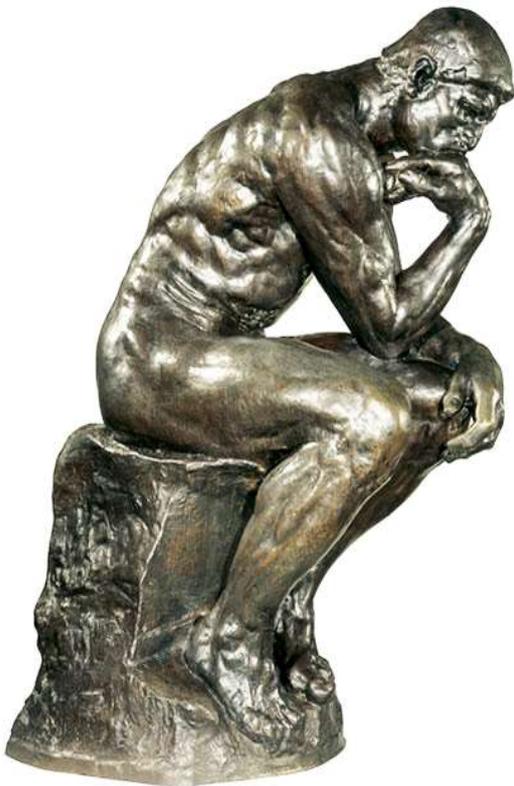
E-MAIL

guidobilharinho@yahoo.com.br

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

Questões

LIBERDADE INTELECTUAL



O PENSADOR, DE RODIN

Fala-se e escreve-se muito sobre a liberdade. Mas, essa liberdade tão falada e muito referida não é, propriamente, a que motiva o presente artigo.

A liberdade de pensar, de agir, etc. constitui lugar comum, termo pisado e repisado em livros, na imprensa e no rádio. Tal liberdade é o mínimo que pode e deve ter o ser humano. A de ler o que quiser e a de estudar o que desejar – sejam os problemas econômicos e sociais

da época ou todas as correntes de pensamento – também situa-se no mesmo plano que a anterior, se bem seja mais complexa e menos entendida por aqueles que se isolam e se bestificam ao limitar sua curiosidade a uma única tábua de valores, a uma única ordem de ideias.

A liberdade intelectual é mais do que tudo isso e está acima das conceituações escritas às pressas nas redações dos jornais e das agências de notícias. Praticamente seu conceito não está ao alcance dos escribas mercenários e muito menos daqueles que

preconceituam o mundo e o papel da vida humana. Se os primeiros não podem entender a liberdade intelectual por não a possuírem, os segundos estão limitados à série de conceitos e, dentro deles somente, querem compreender as correntes filosóficas e, mais grave, ajuizarem de seu valor ou de seu desvalor.

Por aí se vê que a condição *sine qua non* para se criticar qualquer sistema filosófico consiste no estudo das diversas correntes de pensamento na íntegra de suas publicações e não, apenas, através de excertos ou condensações espúrias, que torcem ou mutilam o pensamento original do autor. No mais das vezes esses excertos vêm precedidos ou seguidos de comentários procurando enquadrá-los em determinada ordem de pensamento.

O primeiro degrau da liberdade intelectual consiste, portanto, na ilimitação de fronteiras para o estudo, na superação de todas as cercas impostas à inteligência humana por quaisquer orientações, por quaisquer pessoas. Tal degrau é o mínimo que se pode exigir do estudioso e, com mais forte razão, daqueles que têm pretensões de dirigir a mente dos povos, transmitindo-lhes série de “verdades” nunca comprovadas.

Apesar dessa ilimitação constituir enorme passo no sentido de alcançar ou obter verdadeira e sólida cultura, ainda não é tudo, ainda não é o suficiente e o necessário.

Para que exista verdadeira liberdade intelectual é imprescindível a desvinculação do indivíduo das pretensas “verdades” a que está enquadrado por força de sua educação

desde que veio ao mundo. Essa desvinculação realiza-se ao desejar o estudioso fazer, momentaneamente e da melhor maneira possível, *tabula rasa* dos ensinamentos que lhe impingiram, para iniciar o estudo, sem preconceitos ou ideias apriorísticas, das diversas correntes filosóficas que, na realidade, são apenas duas.

Sem isso, sem essas condições básicas, o estudioso que nunca reformulou suas concepções ou enfrentou, sem guias ou limitações, todas as construções mentais de séculos e notadamente as mais recentes, poderá ser denominado de intelectual, mas não o será nunca e, muito menos, poderá jactar-se de ser livre. Aqueles que mais bradam e proclamam sua liberdade são os que mais profundamente estão enclausurados em estreitos limites filosóficos e sempre tiveram receio de, por si sós, aventurar-se ao estudo.

Na verdade, são raríssimos os indivíduos que possuem, entre nós, liberdade intelectual. Praticamente, não existe liberdade de pensar, de raciocinar. Imensa barreira de conceitos e dogmas cerca o indivíduo desde seu nascimento e, como o mel do cacau dos romances de Jorge Amado, não o deixa, perseguindo em casa, na escola, na rua, no jornal, na rádio, no trabalho, nas mais variadas palestras e na maioria absoluta dos livros que a sociedade muito “democraticamente” coloca a seu alcance. E esse indivíduo, assim iludido, assim ludibriado por outros que também o são, não possui perspectivas e, para ele, todas as portas do conhecimento humano mais profundo, mais estudado e meditado estão fechadas, trancadas! E se porventura cai-lhe nas

mãos, acidentalmente, livro diferente ou se ele o procura, quando tem coragem intelectual para tanto, o mais provável é não terminar a leitura se a obra traz conceitos contrários aos seus, isto é, a tudo que lhe ensinaram ou lhe enfiaram na cabeça desde a mais tenra idade, quando ainda não possuía capacidade para discernir, examinar, julgar. Quando era apenas uma criança. Consequentemente não é um intelectual livre. A liberdade que ele pensa possuir é, apenas, mito, um dos inúmeros e variados mitos em que ele acredita sincera, ingênua e piamente.

(do livro eletrônico *Razão e Circunstâncias*, outubro 2018)

Literatura

O MISSIONÁRIO: CONFLITO ENTRE INTELECTO E NATUREZA

Em *O Missionário* (1888), de Inglês de Sousa (Óbidos/PA, 1853 – Rio de Janeiro/RJ, 1918), autor, ainda, dos romances *História de Um Pescador* (1876), *O Cacaulista* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877), destacam-se três aspectos: as venturas e desventuras de um padre em vigararia amazônica fixadas naturalisticamente.

A vigararia é Silves. Modorrenta vila provinciana à beira do móbil oceano amazônico. Silves,



INGLÊS DE SOUSA

com suas beatas, mansos e marginalizados tapuios, comerciantes e regatões, coletor de rendas federais e provinciais, professores, intelectuais, proprietários rurais, o sacristão Macário e o vigário.

E o cenário, o fundo de quadro. O espaço físico, econômico e social. O *status* infra-estrutural e a mentalidade correspondente. A vida correndo. As intrigas. O complexo relacionamento social, carente, é óbvio, na transplantação

romanesca, de maiores fixação e aprofundamento nos condicionamentos pessoais resultantes das posições das personagens face à apropriação de bens e respectivas ocupações. Com essa tessitura, aliás, o romance não seria naturalista. Estaria um passo à frente, ainda não possível à época.

Silves. Movendo-se nela, vivendo nela, constituindo-a, alguns tipos. Singularmente trabalhados, uns. Coletivamente mostrados, outros. No primeiro caso, o sacristão Macário. Personagem complexa, bastante complexa até, se se a comparar com as marionetes da ficção romântica. Contraditório, primário, medroso, frustrado, maquiavélico. Tipo um tanto clássico ou estereotipado de sacristão. Macário, todavia, vive, atua, age. Possui ideias, aspirações, sentimentos. Age de acordo com as circunstâncias. Reage face a fatos concretos. Não é personagem previamente constituída. Forma-se e estratifica-se sua personalidade debaixo das surras do padrasto e da mãe, nos serviços e desconsiderações de padre José e sob o desprezo da vila. Abre seu caminho, a custo. Mas, *seu caminho*. E ocupa *seu lugar*.

Chico Fidêncio, mestre irreverente, é, também, individualidade bem construída, conquanto mais no plano das manifestações intelectuais do que vivenciais.



Macário é mostrado vivendo. Chico Fidêncio, combatendo. Ao lado deles, chusma de outras personagens, umas mais outras menos elaboradas. Todas, porém, tendo e ocupando seu lugar em Silves e, portanto, na ação romanesca.

Silves e seus habitantes, principalmente. Depois, Silves, a água, a floresta. A Amazônia, enfim. Com o que ela significa de água, de rio, de selva e de árvore. De peixe, castanha, banana e guaraná.

Nesse espaço: padre Antônio de Moraes, o missionário. Com sua candura, idealismo, porfia e adaptação. Em torno dele e por ele, a estória. Mas, antes, exteriores e paralelos a ele, Silves, a água, o rio, a selva.

O padre é personagem vista um tanto de fora pelo autor. Talvez pela óbvia dificuldade deste (escritor e jurista de renome em seu tempo), conhecer vivencialmente o mundo mental de seminarista e de padre recém-saído do seminário. Além disso, pela inadequação da personagem ao meio ambiente, embora natural da região. Certo e subjacente antagonismo entre a pura intelectualidade e o mundo bruto em formação. Espécie de corpo estranho. Reverso de índio em pleno centro metropolitano. Estado vivencial de latente ruptura. Choque dicotômico de existências paralelas, não integradas. As peias, a armadura e o imobilismo mental e comportamental face à exuberância caótica, pujante e convulsiva de mundo físico em mutação.

Esse, o conflito básico do romance, o atrito, o friccionamento nervoso que permeia suas páginas, como o sangue corre, impetuoso, pelas veias do protagonista. A síntese

dá-se justamente após o clímax da luta. É verdadeiramente síntese resolvida pela integração dos elementos divergentes. Ambos perdendo, ambos ganhando. Entretanto, ambos mais ricos.

Contudo a intenção do autor é aplicar uma das receitas do naturalismo ao urdir a trama e desencadear o drama do padre Antônio de Moraes: a influência da hereditariedade. No caso, tal influência se manifesta por intermédio da sexualidade. No entanto, esse é choque restrito, que, em decorrência da evidente intencionalidade do autor, assume, artificialmente, papel preponderante.

Todavia, as ocorrências da própria viagem ao porto dos Mundurucus mostram a inadequação do protagonista ao meio físico ambiente de modo tão relevante, que é essa contraposição que alcança o paroxismo.

*

Por fim, a superação dos fatores discrepantes já indicados e a solução do antagonismo entre o protagonista e a pasmaceira e a mediocridade humana de Silves – que constitui o terceiro conflito da personagem – ocorrem, em obediência à tese do autor, quando padre Antônio de Moraes vence as barreiras existentes entre impositivo estado de celibatário e as exigências sexuais. A partir desse momento, o protagonista – até então com capacidade intelectual, cultura e necessidades sexuais conflitadas, respectivamente, com a natureza bruta, a rudeza humana e o hábito eclesiástico – integra-se ao meio, adaptando-se a ele, como é e está.

No entanto, mesmo preocupando-se o autor em demonstrar a prevalência final da influência hereditária sobre a rígida formação da personagem, não deixa de revelar, provavelmente pela primeira vez na ficção brasileira, os elementos de contraste e repulsão apontados.

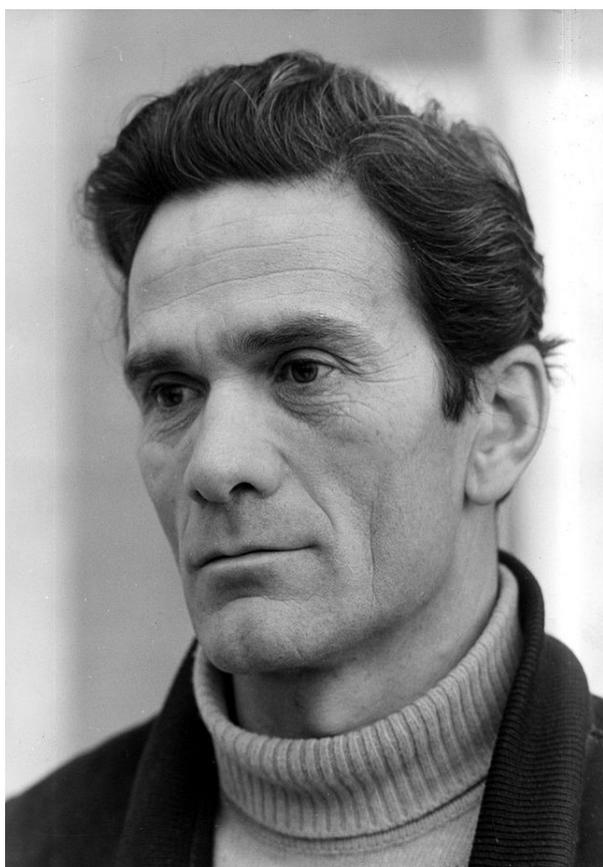
No mais, conforme acentuado pelo próprio autor e pela crítica, peca o romance por excessos e demasias, que lhe retiram parte do valor que possui.

(do livro físico *Romances Brasileiros*
– *Uma Leitura Direcionada*, 1998)

Cinema

A MEDEIA DE PASOLINI

A Impossibilidade Como Decorrência



A assistência próxima de *O Grito* (Il Grido, Itália, 1957), de Antonioni, e *Medeia* (Medea, Itália, 1969), de Pier Paolo Pasolini (1922-1975), filmes que aparentemente nada têm em comum, suscita, não comparação, mas, reflexão sobre a tragicidade do amor, tema que, guardadas as devidas proporções e circunstâncias, lhes é comum.

PIER PAOLO PASOLINI O sentimento mais belo, profundo e consistente desencadeia, como nesses e em tantos outros dramas literários, teatrais e cinematográficos ao captarem as ocorrências da vida, consequências tão trágicas que raramente outra circunstância, como a falência empresarial, por exemplo, se lhe equiparam.

Em ambos os casos ventilados nesses filmes, mesmo que transcorridos em épocas e condições diversas, seja em situações comuns e prosaicas como em Antonioni, seja em mitos universais como em Pasolini, o sentimento amoroso quando não (mais) correspondido leva à destruição e à morte, apresentando, pois, duas faces divergentes e antagônicas, já que o mesmo sentimento quando correspondido gera felicidade e plena realização.

A lenda grega de Medeia constitui a mais drástica e peremptória reação ao fim do amor, ao abandono.



MEDEIA DE PASOLINI

Ao contrário do ocorrido com o protagonista de *O Grito*, que se consome subjetiva e emocionalmente, desorientado e mutilado afetivamente, Medeia exterioriza e materializa radical e destrutivamente sua revolta em impulso incontrolável, da maior tragicidade, sem volta, sem possibilidade nem mesmo de atenuação, a ponto de, num lampejo de lucidez em meio ao desvario que a toma e domina, responder aos apelos de Jasão, dizendo-lhe: “*não insiste, é inútil. Nada é possível agora*”.

Essa impossibilidade representa o corolário da radicalidade extrema.

*

Pasolini toma a tragédia e a traduz em luz, ambientes, paisagens, esculturas e arquiteturas, em que as pessoas, mais que as personagens, movimentam-se sobre fundo de quadro estático e de beleza clássica, racionalizada, em sucessão pictórica, escultural e arquitetural de alta funcionalidade e beleza. Verdadeiro poema visual de luzes, movimentos, ambientes e paisagens, nele se encaixando a tragédia mítica, mesmo que em sua consumação máxima a sequência correspondente peque por certa banalização que atenua o efeito drástico do ato e dos gestos, destoando da monumentalidade do conjunto fílmico e sua condução.

Maria Callas, a célebre soprano, no seu único papel no cinema segundo se informa, responde e corresponde à tragicidade ínsita da personagem.

*

A lembrança de *Medeia* (Medea, Dinamarca, 1987), de Lars von Trier, outra significativa realização cinematográfica, vem confirmar que tema não é o mais importante na ficção, mas, sim o teor que se lhe infunde e o tratamento formal que se lhe imprime, configurando-o, transformando-o.

Em ambos os casos, plenamente realizados, demonstrando não apenas a força imantada da tragédia como também sua correspondência ou fixação de uma das variáveis da condição humana.

*



MARIA CALLAS

A elisão na parte inicial do filme de passagens da lenda e de dialogação torna difícil, quando não impossível, ao espectador que os desconheça, proceder a indispensável ligação entre algumas sequências, que se tornam até mesmo ininteligíveis, conquanto isso não prejudique a estrutura fílmica.

Ademais disso, constitui complicador a apresentação de duas sequências diversas, já ao final, das consequências da filha do rei de Corinto vestir a roupa que Medeia lhe manda como “presente”.

(dos livros eletrônicos *Obras-Primas do Cinema Europeu*, dezembro 2018, e *O Cinema de Antonioni e Pasolini*, junho 2019)

Cinema

A MEDEIA DE TRIER

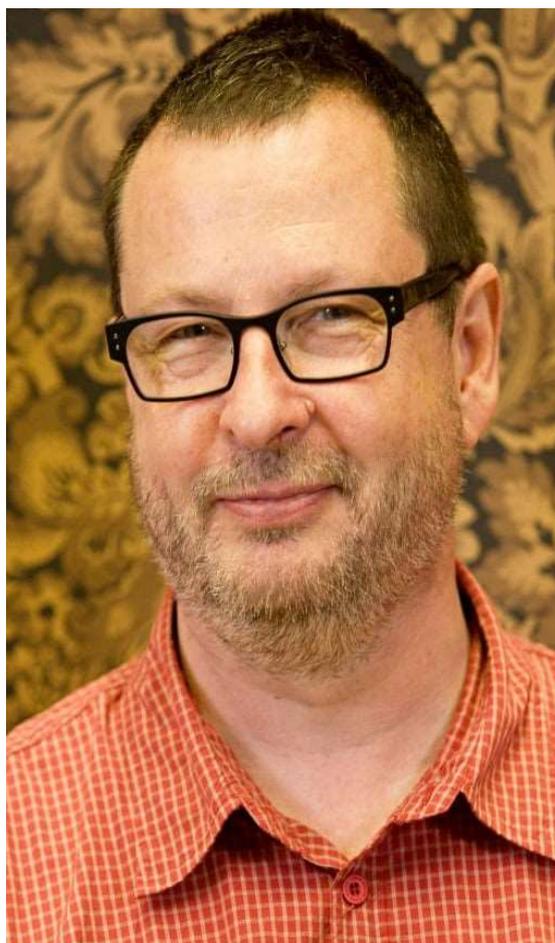
Lenda e Arte

A Lenda

Se não há nada - e não há - mais grandioso em imaginação, poesia e sabedoria do que a mitologia grega, não há nela, provavelmente, nada mais trágico e sanguinário do que a lenda de Medeia.

Os crimes mais espantosos e a violência mais inaudita percorrem as sagas mitológicas, mas nenhum deles atinge a exacerbação, a maldade, o cálculo frio e o desespero agônico de Medeia, que oscila e age nos polos adversos de amor intenso e total e de ódio e vingança ilimitados.

Quando o filme *Medeia* (Medea, Dinamarca, 1987), de Lars von Trier (1956-) inicia, a protagonista e Jasão já estão em Corinto, fugidos e exilados.



LARS VON TRIER

Contudo, antes disso e para se entender o que vai ainda acontecer, constituindo o episódio mais conhecido e divulgado da trajetória de Medeia, é necessário recapitular, conforme relatado nas obras que tratam do assunto, mesmo que sumariamente, os antecedentes que os levaram, a ela e a Jasão, seu esposo, onde se encontram ao iniciar-se o filme.

A origem de tudo remonta a Iolco, onde reina Éson, pai de Jasão, que à semelhança do pai de Hamlet é atraído pelo próprio irmão, Pélias. Depois de salvo pelo estratagema dos pais, em episódio análogo ao mais tarde ocorrido com Herodes a buscar Cristo menino para assassiná-lo a fim de eliminar um concorrente, passado algum tempo Jasão volta, dá-se a conhecer, desafia Pélias e é-lhe prometido o trono se trouxer o Tosão de Ouro.

Construída a maior embarcação até então, a *Argo*, Jasão reúne o grupo de guerreiros que irá acompanhá-lo na aventura, que encontra paralelo nas andanças marítimas e terrenas de Ulisses.

Em Quios, o grupo perde o herói Hílas, aprisionado pela ninfa que por ele se apaixona, bem como Hércules, que não voltaria ao navio.

Na península da Propôntida, onde aportam, acontece a festa de casamento do rei Cizico e sucede inesperada tragédia, após a qual Jasão e seus amigos partem.

Na Trácia, os argonautas travam batalha com as harpias, que atanzavam a vida do rei Fineu, detentor de dom profético,

que delineia ao grupo seus próximos passos até a Cólquida, onde se acha o Tosão de Ouro.

Aí Jasão conhece Medeia, filha do rei Eetes, que por ele se apaixona e o auxilia, após vários perigos e peripécias, a conquistar o Tosão, traindo o pai e a pátria e fugindo com o amado e o referido troféu.



MEDEIA DE TRIER

No mar, perseguida a *Argo* pela frota de Eetes, Medeia comete seu primeiro grande crime hediondo, matando e retalhando o corpo de seu irmão, Absirto, e jogando seus membros ao mar, onde a frota do rei, reconhecendo-os, dedica-se a recolhê-los, dando tempo para o grupo fugir, livrando-se da perseguição.

Finalmente, na ilha onde governa o célebre rei Alcínoo, a frota encontra a *Argo*, que, protegida por esse rei e sua esposa, mais uma vez livra-se da perseguição e prossegue viagem rumo à Grécia.

Em Iolco, Pélias recebe o Tosão de Ouro e nega-se a cumprir a promessa de devolver o trono a Jasão, desenhando-se então a perspectiva de luta entre eles.

Medeia, com artimanhas, consegue que as próprias filhas de Pélias, que muito o amavam, o matem, decorrendo da descoberta do crime a fuga de Jasão e Medeia, que se dirigem a Corinto.

Aí acontece a grande tragédia de sua vida, que a celebra como a figura mais trágica (e obsessiva) da mitologia grega.

O Filme

Trier, inspirado em antigo projeto de Carl Theodor Dreyer, com base na peça homônima de Eurípides, inicia o filme no ponto em que Medeia foi repudiada por Jasão para se casar com Creúsa, filha do rei Creonte.

Na peça, sua lamentação é explícita e expressa: *“Como sou infeliz! Que sofrimento o meu,/ desventurada/ Ai de mim! Por que não morro? [...] Pobre de mim! Que dor atroz! Sofro e soluço/ demais”*, conforme tradução de Mário da Gama Curi (Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991). Ou: *“Ah! Como sou infeliz! Sofrimentos cruéis! Ai de mim! Ai de mim! Por que não posso morrer? [...] Ai de mim! Sofro, desventurada, sofro, e não posso conter meus gritos de dor”*, na versão de Miroel Silveira e Júnia Silveira Gonçalves (São Paulo, Vítor Civita Editor, 1976).

Isso, porém, é teatro, que se concretiza e existe por meio de palavras. Em cinema, o que se tem (e sempre se deve ter) é muita

imagem e pouco verbo, que é o que Trier faz, num filme belíssimo, em *décors* e locações depuradas como o eram nas apresentações teatrais gregas, no qual o desespero de Medeia configura-se pela imagem inaugural de mulher abandonada na praia, sob o preto das vestes contrastantes com as cores da areia e do mar, que pouco a pouco a encobre e a quer tragar em abraço tão macio quanto mortal, em simbolismo físico da condição emocional da personagem, bloqueada e massacrada sentimentalmente, mas, que sob os perigos mortais do engolfamento aquático e emocional, reage com vigor e começa a trançar as teias da vingança mais atroz que é possível ser realizada.

O cineasta constrói tomada por tomada, cena por cena, ângulo e enquadramento por ângulo e enquadramento, essa trajetória sob as cores ambientais pontuadas pelo negror da veste de Medeia.

Sob a máscara de fisionomia serena, mas, expressiva, o sofrimento, que no filme não se lamenta, mas, interiorizado, é vivido, vai tomando forma e consolidando-se em deliberação que se concretiza em atos executados com a artimanha da sabedoria e do conhecimento da maldade, como exprime o rei Creonte para justificar a expulsão de Medeia de Corinto, que, por sua vez, lhe diz que *“nada provoca mais dor do que o amor”*.

A ação fílmica desenvolve-se criativamente, estando cada imagem e o que nela se contém estruturados pictórica (na expressividade das cores, dos objetos, das vestes e dos quadros imagéticos com eles formados), teatral (na postura e movimentos

das personagens) e cinematograficamente (na reunião e síntese desses e dos demais elementos convocados à feitura do filme), construindo Trier desses e sobre esses fatores nova obra de arte na expressividade de cada objeto e no conjunto formado, em que as palavras são as essenciais e os diálogos os indispensáveis. A ação, os objetos e suas imagens sobrepõem-se e impõem-se.

Por sua vez, a tragédia acontece. Porém, mercê do depuramento assinalado, destituída da fácil grandiloquência dos extravasamentos exagerados. A face horripilante dos fatos concentra-se na sua própria imagem e não em manifestações emotivas de desespero. Sua revelação visual basta a infundir-lhes e transfundir-lhes todo o horror trágico que contêm, perdurável, por sua força intrínseca, no imaginário humano transmitido, primeiro, pela tradição oral e, depois, pelo teatro e, mais recentemente, pelo cinema, no encontro da lenda e da arte, ambas produtos maiores da imaginação e da criatividade humana.

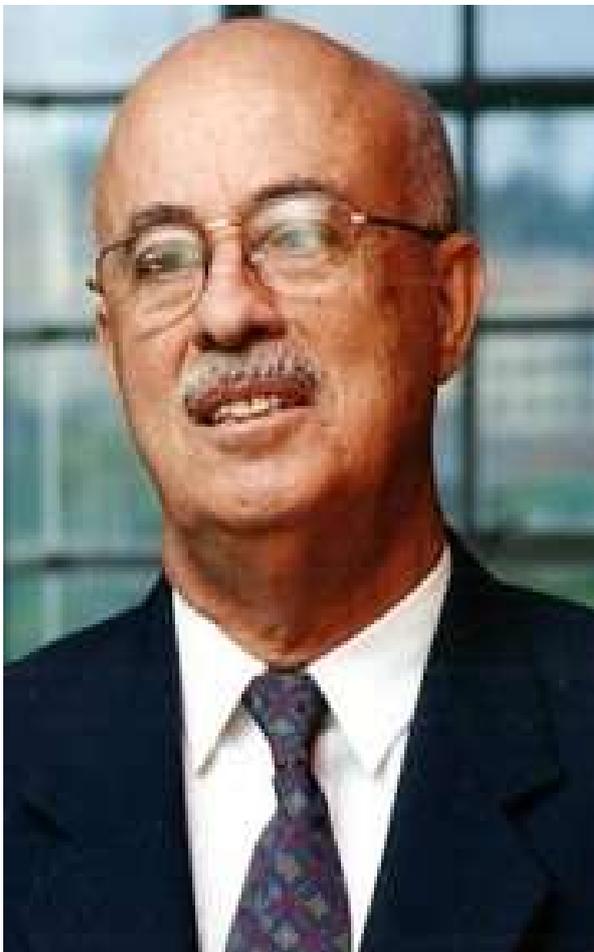
(do livro físico *O Filme Dramático Europeu*, 2010, e do livro eletrônico *Obras-Primas do Cinema Europeu*, dezembro 2018)

Vocabulário Incomum

CAÇADAS DE VIDA E DE MORTE

Regionalismos e Termos Raros

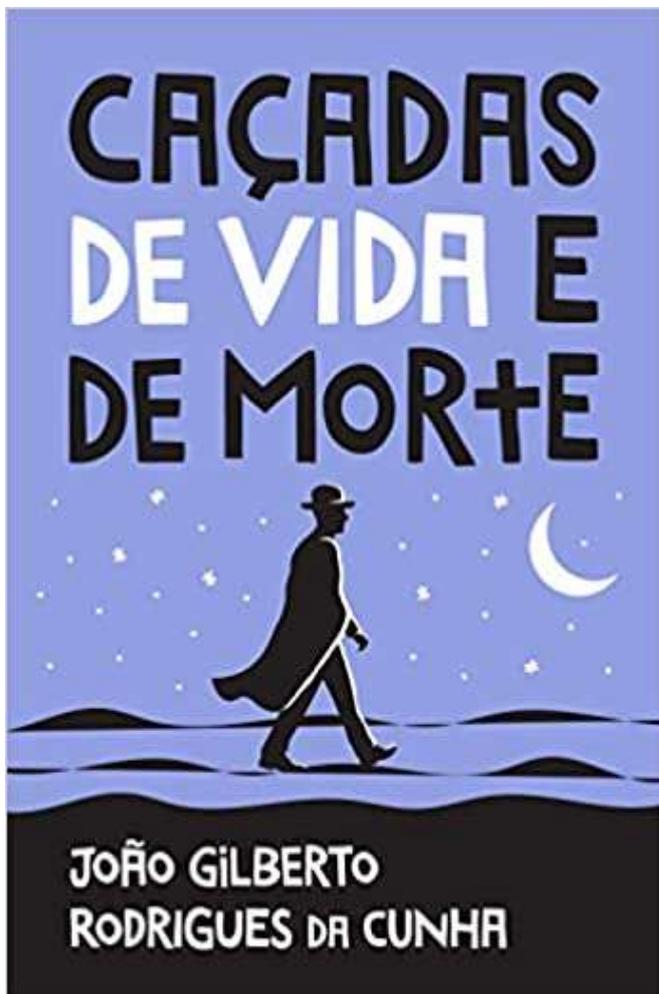
O romance *Caçadas de Vida e de Morte*, do médico e



JOÃO GILBERTO R. CUNHA

escritor uberabense João Gilberto Rodrigues da Cunha (1930-), lançado em 2000, a par de sua articulada tessitura romanesca e clímax cinematográfico, apresenta variado e significativo glossário, que enriquece e outorga brilho especial à narrativa ficcional. Dentre os inúmeros espécimes, destacam-se, com indicação das páginas da primeira edição:

ABOIAR (provincianismo minhoto e brasileirismo) – Cantar aos bois. Guiar uma boiada com canto monótono e triste (*Por isso, é preciso você aboiar*, p. 59 e 191).



2ª EDIÇÃO (2021)

ALMISCO (de *almíscar*, do persa pelo árabe para *Aurélio* e *Antenor Nascentes*; do árabe para *Michaelis*) – Substância odorífera segregada pelo almiscareiro, mamífero ruminante. Por extensão: Cheiro, odor (*Uma pista leve, um almisco, e parto em caçada*, p. 146 – *Como era possível passar anos sem deixar um rastro, um almisco a farejar e seguir?*, p. 201 e 261).

AMOFINAR – Afligir, apoquentar, agastar, aborrecer (*Não me amofino fácil*, p. 125).

ARREDORAR (de *arredor* e *redor*) – Estar ao redor, à volta, em volta, em torno, em redor (*Aquela sombra muda, sombria e misteriosa o intrigava, sempre arredorando José Albério*, p. 93).

BAGUÁ (do espanhol platino *bagual*) – Arisco, espantadiço, asselvajado (*Pega de gado baguá e corredor*, p. 148 e 269).

BALDA (do árabe) – Defeito habitual, mania, manha, veneta
(*Meu brioso é cheio de balda*, p. 24).

BALDOSO (ô) (brasileirismo) – Cavallo manhoso, que tem balda
(*Antares repicou de lado, baldoso, mordendo o freio*, p. 267).

BAMBURRO (brasileirismo) – Fortuna inesperada, bambúrrio.
Acaso, sorte (*É comum a sua volta ao garimpo [...] sem recurso a não ser recomeçar a semana e a esperança do bamburro*, p. 179).

BANZANDO (do quimbundo, língua banta de Angola) –
Meditando, cismando, matutando (*Minha ideia vinha banzando*, p. 225).

BARBICACHO (do espanhol para *Cândido de Figueiredo*) –
Cordão ou laço de couro que prende o chapéu ao queixo.
Cabeçada ou cabresto de corda para cavalgadas (*Não aceitava peso no lombo nem golpe de rédea e barbicacho*, p. 337).

BRETE (ê) (do espanhol platino) – Corredor fechado de ambos os lados por onde passa o gado para o banho carrapaticida ou para o corte (*Era boi embarcado no brete*, p. 125).

CATARSE (do grego) – Purificação, purgação, limpeza (*E assim sentou-se um liberado e exausto Manuel Crispim, a catarse da sua vida jogada num bar de Santana do Paranaíba*, p. 259).

CATETO (brasileirismo, variante do tupi *caititu*) – Mamífero também conhecido como porco-do-mato (*Um cateto a caçar num capão de mato*, p. 58).

CONSPÍCUO (do latim) – Notável, eminente, distinto, ilustre.

Sério, grave, respeitável (*Teodomiro conspícuo e grave em terno de colete, gravata e palheta*, p. 351).

COONESTAR (do latim) – Dar aparência de honestidade a; fazer que pareça honesto, decente. Reabilitar (*As revoluções buscam coonestar seu poder pela via eleitoral e cívica*, p. 140).

COTIANO (brasileirismo) – tipo de arreio de cabeça redonda (*Arreio cotiano com um pelego inteiriço de grossa lã vermelha*, p. 24 e 148).

DESPOTISMO (do grego) – Forma especial de absolutismo. (Brasileirismo) – Lugar inacessível, oculto no mato. Grande quantidade, exagero (*Vem nesse despotismo de exibição na sua mula*, p. 205).

DESTABOCADA (brasileirismo) - Atrevida, audaciosa (*Nunca tinha visto uma moça tão desembaraçada e destabocada*, p. 78/79).

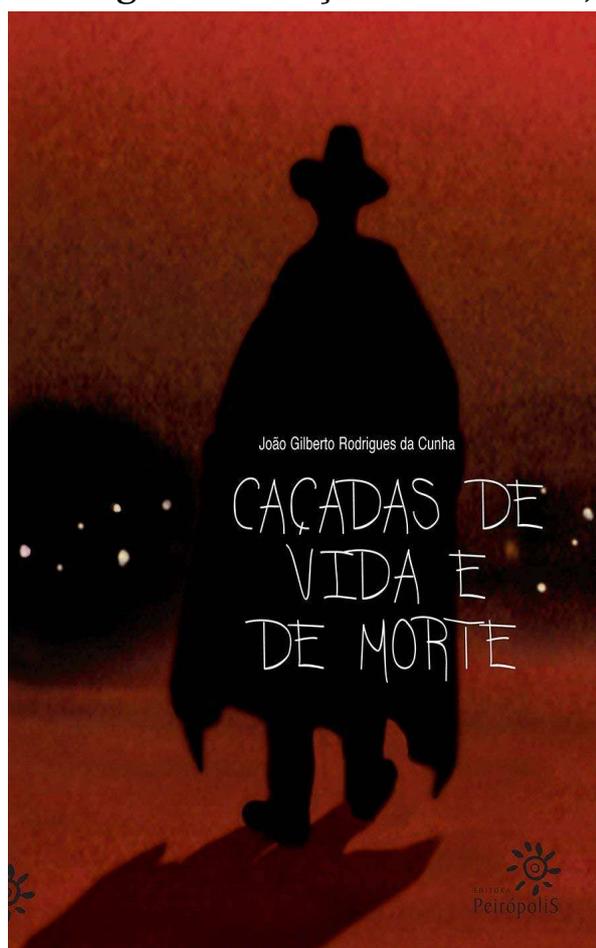
DICUADA – Barrela, lixívia, decoada. Cinzas fervidas, com que se limpam metais e se usam também, em lugar de soda ou potassa, para preparar sabão caseiro (*Sabão grosso de dicuada para peças grosseiras*, p. 241).

ENTREVERAR (brasileirismo derivado do espanhol platino) – Misturar, confundir, imiscuir, intrometer. Encontrar-se com alguém num *entrevero* (ê), desordem, confusão (*Era Mariita entreverada em tudo*, p. 92, 165, 208 e 345).

ESTERTORAR (do latim) – Estar em estertor. Agonizar (*[Fulano] estertorou*, p. 364).

EXATORIA (z) (do latim) – Cargo ou função de *exator*, cobrador ou arrecadador de impostos. Repartição fiscal para cobrança de impostos, coletoria (*Não temos certidão nem cadastro de exatoria*, p. 157).

GRUGULEJO (termo *onomatopéico*: que imita a coisa significada) - A voz ou imitação da voz do peru. Grugulhar, entrar em ebulição, ferver (*Um grugulejo da bica de lavar roupa*, p. 195).



1ª EDIÇÃO (2000)

GUAIACA (do quíchua, idioma indígena sul-americano que foi a língua geral do império inca ainda falada na Bolívia, Argentina, Equador e Peru) - Cinto largo de couro ou de camurça com bolsos, usado para guardar dinheiro e objetos miúdos (*Na cinta a guaiaca abufalada presente do patrão*, pp. 148 e 195).

GUAMPA (do espanhol platino) - Chifre. Copo ou vasilha para líquidos feita de chifre ou chifre utilizado à guisa de copo (*Para beber a água do córrego, uma guampa de boi*, pp. 264 e 387).

INCAROTE - Termo encontrado apenas no *Dicionário do Brasil Central*, de Bariani Ortênsio, que, no entanto, não o define, registrando apenas as variantes *carote*, *ancarote* e *encarote*, que se supõe designar uma espécie de barrilete (*Você vai abrir um incarote de pólvora*, pp. 197 e 206).

MANDALETE (brasileirismo) - Empregado de estância, geralmente menino ou velho, que presta serviços leves e/ou transmite recados e ordens (*Gritou ordens a Manuel Tibúrcio, um espevitado e curioso mandaleta local*, p. 388).

MANGANGO (encontrado apenas em Bariani Ortênsio) - Inseto negro cuja picada é venenosa (*Um mangango azucrinava dando voltas em vunvunvum ao redor da mula*, p. 248).

MARRUCO (brasileirismo) - Touro ou boi destinado à reprodução (*Era marruco no poste e à mercê do seu vaqueiro*, p. 269).

PIQUETEIRO (brasileirismo derivado do francês *piquet*) - Além de outros significados, cavalo que está nos piquetes (pequenos pastos) das fazendas permanentemente pronto para qualquer necessidade (*Moleque Tisiu, ligeiro, pega um cavalo piqueteiro e fácil*, p. 246).

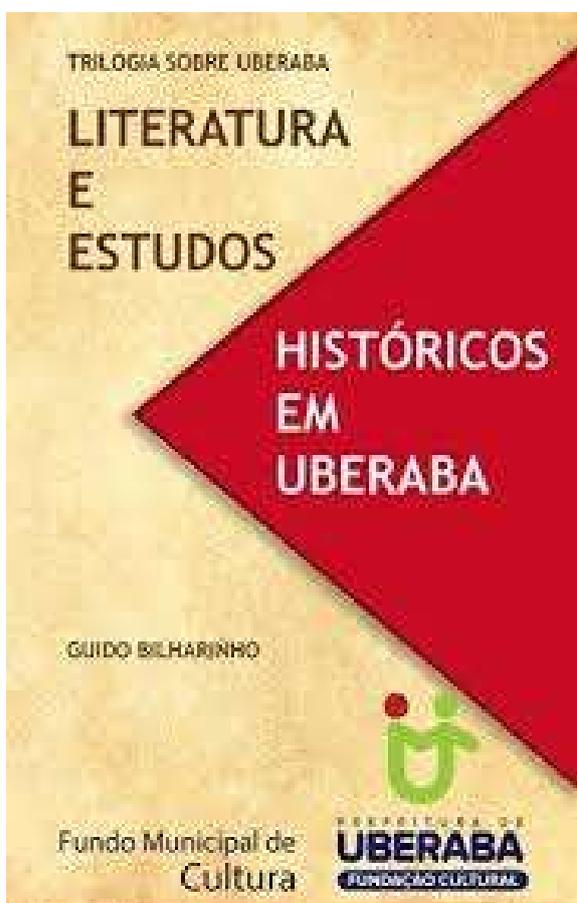
POMBEAR (do quimbundo, língua banta de Angola) - Na acepção utilizada pelo autor, observar às ocultas, espionar, espreitar (*Estou pombeando sua passagem pelo Desemboque*, p. 364).

QUENGA (do quimbundo) - Afora outros significados: meretriz, prostituta (*O senhor que vá buscar outras mulheres ou as quengas do Desemboque*, p. 233).

REDOMÃO (do espanhol) - Cavalo que ainda não está inteiramente amansado (*Mas o Brioso é cheio de balda, seu Zé. Tá redomão*, p. 24).

RENGO (do espanhol) - No sentido empregado no livro, doença no quartos traseiros dos cavalos, dificultando ou impedindo-os de andar. Cavalo ou pessoa que manqueja de uma perna (*O burro alemão centralizava atenção, rengo de uma perna*, p. 107 - *Zé Brilino rengo da perna*, p. 207 e, ainda, p. 190).

ROMANEIO (derivado de romanear, do árabe *romana*, isto é,



balança romana + ear, expressando, no caso, pesar mercadoria em balança) - Lista especial de qualidade, quantidade e peso de mercadorias, vendidas ou embarcadas (*A conversa no retorno conferiu rápido o romaneio feito no gado*, p. 148).

SUFRAGANTE (encontrado apenas em Bariani Ortênsio) - De surpresa, de repente, no

quente (*Não decido de sufragante*, p. 111).

TARUGO (do espanhol) - Peça de madeira que se embute na parede para receber parafusos de fixação; bucha, taco. Peça transversal de madeira que se entala entre as vigas (*Seu apoio eram apenas dois tarugos de madeira, encaixados lateralmente*, p. 311).

TENÊNCIA (brasileirismo na acepção empregada no livro) - Precaução, prudência, cautela. Observar ou examinar prudentemente (*Na sua pescaria da vida, põe tenência nisso*, p. 94 - *Ignora a gente e tudo que fazemos pra ele tomar tenência*, p. 199).

TRAPIZONGA (brasileirismo) - Coisas confusas ou desordenadas. Trastes, badulaques. Mixórdia. Enredo, embrulhada (*Lá viria Zé Anjo com aquela trapizonga de afogar e matar de sofrimento*, p. 200).

VAZA (do italiano *bazza* para *Aurélio e Antenor Nascentes*; do espanhol *baza* para *Michaelis e Cândido de Figueiredo*) - Conjunto de cartas jogadas de cada vez e que são recolhidas pelo ganhador. Fazer vaza: ganhá-la. Por extensão: não perder oportunidade (*Era não errar, não desperdiçar vaza*, p. 106).

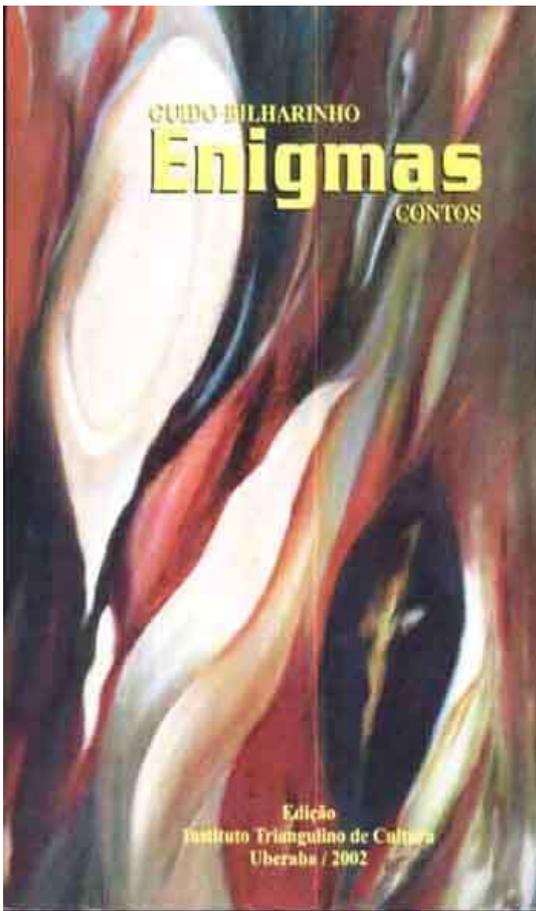
(do livro físico *Literatura e Estudos Históricos em Uberaba*, 2015)

Ficção

ENCONTRO

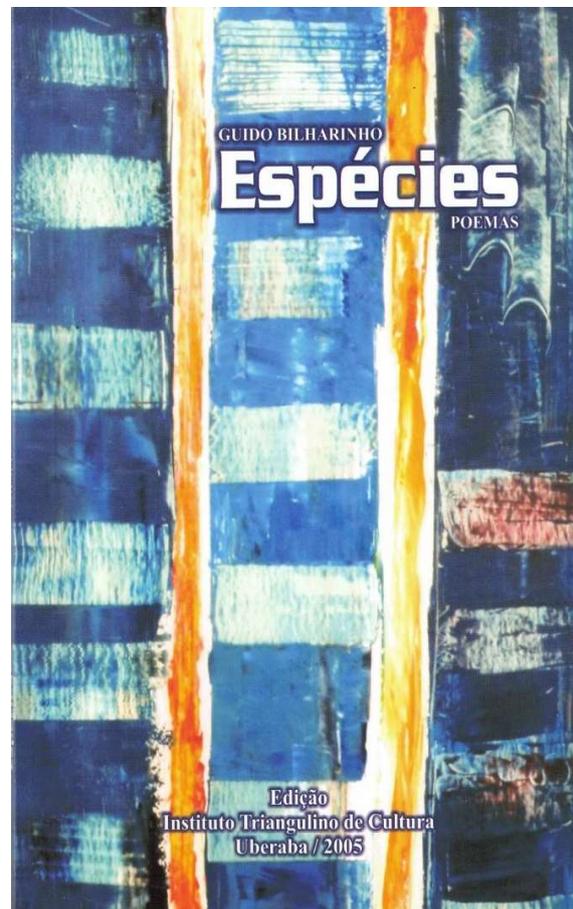
na rua, sol a pino, meio-dia, gente indo e vindo como sempre. a mulher, surgida de onde e como não se sabe, interpela-me, pede-me satisfação de algo que não sei nem nunca ouvi falar, exorta, perora, enerva-se. eu, calado, aturdido. nunca a vi, não sei quem é, quero deixar pra lá, ir-me embora. ela não permite. insiste, clama, reclama. quer saber. povo ajunta. divertido, curioso, intrigado. eu, azul, bestificado, humilhado. querendo paz, obtempero, peço esclarecimento, afirmo-lhe estar enganada, que não sou quem julga ser. ela não se dá por achada. leva isso como insulto. a situação piora. a cada momento mais gente. já há torcida, exclamações, até gritos. a mulher cada vez mais nervosa, indignada, querendo saber, indagando, exigindo. pergunto se sabe com quem está falando, quem sou, o que faço. aí ela sabe, diz, grita. desnorsteio-me. nessa altura, o povo, apinhado, incentiva, torce, põe mais lenha (seca) na fogueira. ideia súbita, salvadora. sorrio, digo-lhe que tem toda razão. Começo a expor-lhe uma porção de coisas, a falar-lhe ininterruptamente, a dar-lhe todas as explicações. imagináveis e inimagináveis. ela titubeia, com gesto vago campeando o ar vai-se embora. a tempo de evitar a chegada de estridente rádio patrulha. que nada encontra, a não ser reduzido grupo de pessoas rindo, contando piadas em torno do fato, afastando-se devagar. e eu estupefato, abespinhado, sem nada entender.

(do livro físico *Enigmas*, 2002)



“O tom dos textos de Bilharinho é quase cartorial e, como em Kafka [...] No conjunto, trabalhado com rigor e coerência, temos uma leitura na qual a emoção reprimida é contagiosa e intrigante, colocando-nos num emaranhado de tensões submersas que às vezes explodem sem soluções, outras vezes permanecem em surdina” (MOACIR AMÂNCIO, jornal *O Estado de São Paulo*, 27/02/2003)

“Os meus cumprimentos pelo seu livro, de que gostei muito. Você feriu uma nota original com o seu *Espécies*, o que é tão difícil de encontrar hoje, em poesia” (AUGUSTO DE CAMPOS, São Paulo/SP, correspondência de 21/07/2005)



Poesia

cão

líquida tris
teza aos olhos

faro e pass
os perspicácia

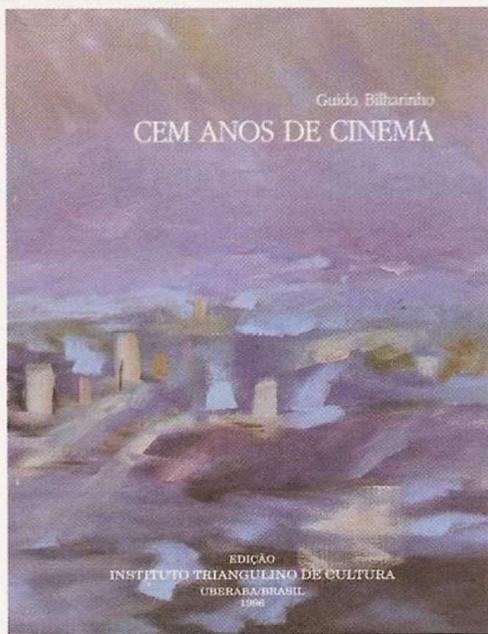
uivos e latidos
ressentida a voz

(do livro físico *Espécies*, 2005)

Indicações

HISTÓRIAS DO CINEMA

(1996 e 1997)



CEM ANOS DE CINEMA

de Guido Bilharinho

*

O CINEMA EM OITENTA PAÍSES

*

320 PÁGINAS - FILMOGRAFIAS
NACIONAIS SELECIONADAS -
ÍNDICES ONOMÁSTICOS

*

EDIÇÃO DO INSTITUTO TRI-
ANGULINO DE CULTURA, SUB-
SIDIADA PELOS RECURSOS DE
INCENTIVO À CULTURA/96 -
PREFEITURA MUNICIPAL
DE UBERABA

Introdução

Equívoco Cultural de Nosso Tempo
Da Arte e da Indústria no Cinema
Os Diversos Tipos de Espectadores
Cultura Cinematográfica

Elementos do Cinema

Etapas da Realização Cinema-
tográfica
Os Realizadores do filme
A Linguagem Cinematográfica

História

Evolução dos Experimentos
Mecânicos
A Invenção do Cinema

Cinema Mudo
Pioneirismo e Afirmação
Apogeu do Cinema Mudo

Cinema Sonoro
Primeiros Anos
Cinema Contemporâneo

Europa: *o cinema em 23 países*

Estados Unidos: *cinemas con-
vencional, underground e
independente*

Américas Central e do Sul: *por
uma integração regional tam-
bém cultural*

Ásia: *a riqueza da diversidade*

Oceania: *O cinema em toda parte*

Oriente Médio: *nem só guerras,
desertos e radicalismos*

África Setentrional e Oriente

Médio: *o cinema dos países árabes*

África Centro-Meridional: *onde o
cinema chega por último*

Primórdios: O Início de Tudo

Primeiros Realizadores

Surtos Regionais

O Filmusical

Nascimento da Chanchada

**Bipolaridade Estético -
Ideológica dos Anos 50**

O Cinema Novo

O Cinema Marginal

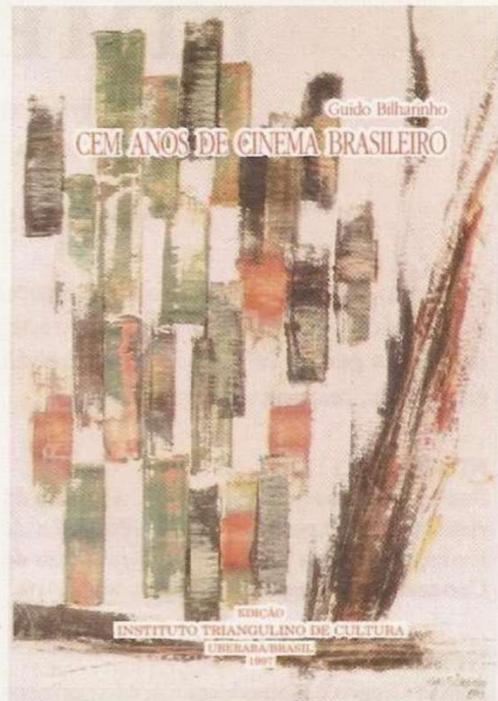
**As Demais Realizações das
Décadas de 60 e 70**

Os Importantes Anos 80

**A Dicotomia Arte e Espe-
táculo da Década de 90:
Tendências e Filmes**

*

Edição
Instituto Triangulino de Cultura



**CEM ANOS
DE
CINEMA
BRASILEIRO**

de Guido Bilharinho

*

216 PÁGINAS - 36 ILUSTRAÇÕES

*

**BIBLIOGRAFIA - ÍNDICES
ONOMÁSTICOS - ÍNDICES DE
FILMES COMENTADOS E DE
ILUSTRAÇÕES**

ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRAFICA

GUIDO BILHARINHO

FILMES EUROPEUS BONS



EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA - JUNHO 2021

NO BLOG

guidobilharinho.blogspot.com

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS (DESDE SETEMBRO/2017)

50 VOLUMES EDITADOS

**LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL – TEMAS
REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS**

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

REVISTA DE POESIA DIMENSÃO

(1980 a 2000)

Blog Próprio e Exclusivo

Já Acessado em mais de 20 Países

Coleção Completa - Índices Onomásticos de Autores Publicados (635 de 31 países) –

Repercussão da Revista Entre Escritores Brasileiros e Estrangeiros

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br/>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

31 Volumes Editados

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

**FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO - HISTÓRIA -
ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE
- SISTEMA FLUVIAL - TEATRO - BIBLIOGRAFIA**

AUTORES UBERABENSES

3 Livros Publicados

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

POESIA – BIOGRAFIA - ARTIGOS

REVISTA PRIMAX

<https://revistaprimax.blogspot.com/>